

A voz suave que fez muito barulho

A descoberta aconteceu quase por acaso. “Eu e meu assistente decidimos ver um monte de coisas que estavam nos armários. Fita cassete velha, DAT, fitas de duas polegadas. Não tem mais nem onde tocar isso. O Marquinho achou uma fita, rotulada como ‘Nara’. Bom, a única Nara que eu conheço é a Nara Leão. Vamos dar uma ouvida”, recorda Bittencourt. Dela surgiu a voz inconfundível da cantora com um violão quase inaudível ao fundo. Era uma fita-guia, usada para de base para gravações mais elaboradas. Mas a fita estava em péssimo estado de conservação. “Nós pegamos as faixas que estavam melhores. Foi uma trabalhadeira para equalizar”, comenta o produtor, que nunca trabalhou diretamente com Nara, diferentemente de Menescal, que fez inúmeros discos e shows com ela ao longo da carreira.

Curiosamente, nem mesmo o veterano músico lendário violonista tem registro da origem exata dessas gravações. “Pelo que o Menescal me falou, deve ser de alguma coisa que ele estava produzindo. Uma sessão de músicas que a Nara gravou em outros projetos. Não temos referência nenhuma, de quando, onde e como o material foi gravado. Se o Menescal não sabe, eu muito menos”, brinca o produtor.

Nascida em 1942 no seio da burguesia de Copacabana, Nara fez de seu apartamento uma espécie de quartel-general da bossa nova no final dos anos 1950, onde João Gilberto, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Carlos Lyra e tantos outros se reuniam para criar o novo som. Mas sua importância vai muito além de anfitriã do movimento. Foi pioneira ao romper com o padrão vocal vigente, adotando uma voz suave, intimista e despojada que encarnava a proposta minimalista daquele som que seria batizado como bossa nova. Seu álbum de estreia, “Nara”, de 1964, já demonstrava outro traço vanguardista: a abertura para compositores de origem popular como Zé Kéti, Cartola e Nelson Cavaquinho, aproximando a bossa da classe média carioca e o samba dos morros. Foi ainda a estrela do musical “Opinião”, um marco da resistência cultural contra a recém-implantada ditadura militar.

Nos anos seguintes, Nara radicalizaria ainda mais, tornando-se uma das principais vozes da canção de protesto contra o regime dos generais, gravando músicos nordes-

Fotos/Reprodução



Nara Leão surge como voz feminina da bossa nova mas inova ao longo da carreira



A cantora rompeu com escola que ajudou a fundar e abraçou outros estilos musicais

tinios como Edu Lobo e Geraldo Vandré e participando ativamente dos festivais da Record.

Seu vanguardismo estava também na escolha de repertório eclético, do samba de raiz ao rock, passando pelo tropicalismo e pela MPB engajada, sempre com extremo bom gosto e refinamento estético.

Morta prematuramente em 1989, aos 47 anos, Nara deixou um legado de coragem artística e inquietação criativa.

O trabalho de restauro foi minucioso e demorado. “Eu só tinha voz e um violão longe, que você não consegue ouvir direito. Demorou quase uma semana para limpar o

som”, conta. A partir daí, o produtor criou novos arranjos e reuniu uma banda de músicos de sua confiança: Diógenes de Souza (baixo), Leandro Freixo (teclados e flauta) e João Cortez (bateria), além do próprio Bittencourt ao violão. “Esse pessoal trabalha comigo há bastante tempo, pelo menos há uns dez

anos. São excelentes. Não é um pessoal que chega, toca, pega o dinheiro e vai embora. Eles gostam de tocar, gostam do que eu faço e querem participar. O Diógenes me ajuda a escrever os arranjos, porque sou autodidata”, destaca o produtor. Menescal fez questão de participar do projeto gravando sutis vocais em duas faixas: “Chega de Saudade” e “O Barquinho”.

O repertório é uma aula de história da bossa nova e surpreende porque sinalizava uma reaproximação da cantora com o movimento. O primeiro single escolhido foi “Chega de Saudade”, de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, lançado em 19 de janeiro, aniversário de Nara. A canção, imortalizada por João Gilberto em 1958 num 78 rotações que inaugurou um novo estilo de canto e acompanhamento, é considerada o marco inicial do movimento. Entre as outras sete faixas, destacam-se “Manhã de Carnaval” (Luiz Bonfá e Antonio Maria), que ganhou o mundo na trilha sonora de “Orfeu Negro” em 1959, e “O Barquinho” (parceria de Menescal com Ronaldo Bôscoli, ex-namorado de Nara), cuja versão agora descoberta soa mais suave e solar que a célebre interpretação de Maysa em 1961.

Há também “Você e Eu”, clássico de Vinícius de Moraes e Carlos Lyra de 1961, música em que Nara estreou como cantora no disco “Depois do Carnaval”, de Lyra, em 1963. O padrinho musical ajudaria Nara de forma intensa no ano seguinte, quando ela gravou seu álbum de estreia, “Nara”, pela Elenco. Desse disco vem outra pérola do novo álbum: “Diz que Fui por Ai”, samba de Zé Kéti que Nara transformou em bossa nova em sua versão original. Completam o repertório “Tristeza de Nós Dois” (Durval Ferreira, Maurício Einhorn e Bebeto Castilho), de 1960, e duas joias de Tom Jobim: “Fotografia”, lançada por Sylvia Telles em 1959 e regravada por Nara em dueto com o próprio maestro em 1977, e “Wave”, composta instrumentalmente em 1967 e depois ganhando letra em português que Tom desenvolveu a partir de um único verso enviado por Chico Buarque.

“Tentei atrapalhar em nada ela cantando, fiz apenas um acompanhamento”, reconhece o produtor. O resultado é um álbum que traz de volta a voz ímpar de uma das nossas vozes mais queridas numa feliz reconciliação com o movimento que a revelou para o mundo.



Divulgação



Nara Leão e Roberto Menescal em imagem dos anos 1970



Nara com Chico Buarque



Nara com João do Vale e Zé Kéti no show 'Opinião'